

RELAÇÃO DO ESPAÇO CONSTRUÍDO E O NÃO CONSTRUÍDO: PRIMEIRA CASA MODERNISTA

CAVALET, Leonardo Mateus.¹
PETRY, Vanessa Lopes.²
SILVA, Thaynnan Aline Begozzi.³
SIMONI, Tainã Lopes.⁴

RESUMO

A presente pesquisa aborda do ponto de vista arquitetônico as relações entre os espaços construídos e não construídos em uma obra específica, a Casa da Rua Santa Cruz projetada pelo arquiteto russo-brasileiro Gregori Warchavchik que também foi a primeira obra modernista no Brasil. A casa é cheia de história e cruza décadas cheias de histórias, movimentos culturais, artísticos e guerras; com o decorrer do tempo o espaço construído e não construído desta edificação vai mudando de sentido sendo assim de grande importância para a arquitetura avaliar essa mudança de relação. A análise parte desde o projeto da obra até sua conclusão, as dificuldades que ela passou para sair do papel e ser finalmente construída, aceita pela sociedade e se manter presente até a atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, Espaço, Modernismo, Construído, Não-construído.

THE RELATIONSHIP OF SPACE BUILT AND SPACE NOT BUILT: THE FIRST MODERNIST HOUSE

ABSTRACT

This research is about the architectural point of view the relationship between the built environment and not built in a specific building, the House of the Santa Cruz street designed by the Russian-Brazilian architect Gregori Warchavchik the house was also the first modernist style in Brazil. The house is full of history and full cross decades of history, cultural movements, artistic and wars; with the passage of time the space built and not built this house is changing direction having great importance for architecture observe this change of relationship. The analysis starts from design to completion, the difficulties that the house passed out of the paper and be finally built, accepted by society and remain present until today.

KEY-WORDS: Architecture, Space, Modernism, Built, Not-Built.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a teoria da arquitetura analisando a relação do espaço construído e espaço não construindo e como o modo de viver e projetar muda de sentido durante o decorrer da história e tem como estudo de caso a primeira obra modernista no Brasil projetada pelo renomado arquiteto Gregori Warchavchik. A obra em questão foi a residência da família do arquiteto e teve grande impacto na sociedade Brasileira dos anos 20 e rendeu o arquiteto admiração de outros arquitetos renomados mundialmente. A residência teve muitos usos e no decorrer das décadas teve sua relação de espaço construído e não construído mudado de sentido inúmeras vezes. É de

¹Acadêmico (a) do 8o período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG.

²Acadêmico (a) do 8o período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG.

³Acadêmico (a) do 8o período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG.

⁴Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG.

relevância analisarmos este caso porque a casa foi a propulsora do estilo modernista no país assim desencadeando muitas outras obras que a tinham como inspiração e é um exemplo intrigante da versatilidade de relação entre construído e não construído.

O problema da pesquisa é: Como a relação de construído e o não construído pode mudar no decorrer dos acontecimentos históricos e culturais de uma sociedade? Tendo como foco a Casa da Rua Santa Cruz projetada pelo arquiteto Gregori Warchavchik.

Intencionando a resposta ao problema da pesquisa, foi elaborado o seguinte objetivo geral: Compreender como a relação do espaço construído e o não construído é capaz de mudar no decorrer da história na obra Casa da Rua Santa Cruz.

Para o atingir êxito no objetivo geral, foram formulados os seguintes objetivos específicos:

- a) Compreender o conceito de espaço construído e o não construído.
- b) Apresentar o arquiteto.
- c) Analisar a obra Casa da Rua Santa Cruz.

2.1 - CONCEITO DE ESPAÇO CONSTRUIDO E O NÃO CONSTRUIDO

De acordo com Netto (1999) o Espaço Construído e o Não Construído é uma intrigante oposição e poderia ser melhor evidenciada se for abordada por dois termos principais: Espaço Ocupado e o Espaço Livre. Já se tem um motivo pelo qual o conceito de ocupação foi deixado de lado; arquitetura é perfeita organização, distribuição de espaços que podem ou não resultar de fato em uma ocupação; também é entendido que razão pode ser o conceito de ocupação ser intimamente relacionado, com muita clareza, ao conceito de espaço privado e particular, todavia a ocupação acontecer por várias ou todas as pessoas e não exclusivamente por um indivíduo, sendo assim o constituído é um conceito mais plausível e superior ao ocupado.

Segundo Netto (1999) o espaço livre transmite ao homem a sensação de liberdade ou libertação, um espaço no qual se sente bem para fazer suas diversas atividades que remetem a diversão, festas, exercícios, reflexão. Quando chega o período de férias a maioria das pessoas busca destinos como praias, campos, natureza; isso nos dá a interpretação de que o espaço aberto faz bem à mente humana e remete a alívio, liberdade e alegria. Mas é o espaço fechado? A arquitetura seria uma prisão? Esse conceito de prisão é pertinente é ideia de espaço construído que é uma

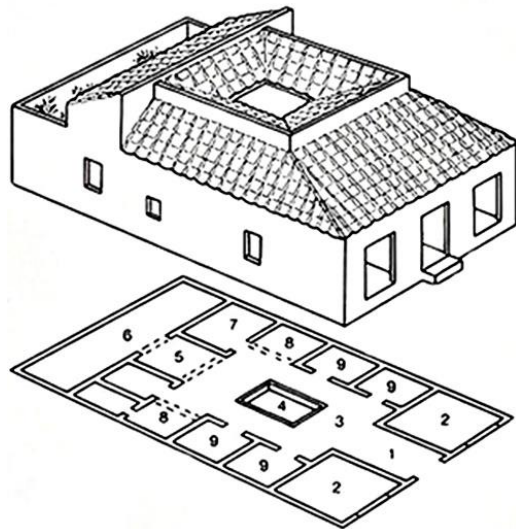
contraposição a ideia de proteção e abrigo. A divergência dialética é manifesto e traduz-se no conceito de moradia, da obra em relação ao espaço construído: proteção e prisão.

[...] Diz-se, por exemplo, que o francês médio (especialmente o parisiense) conduz sua vida social nos "cafés": ele "recebe" no café. O espaço de que dispõe em sua "casa", mínimo, deve ser compartilhado com os membros da família e praticamente não pode ser estendido a terceiros. [...]

[...] Por conseguinte, o francês sai para a rua e o apartamento é tido como uma espécie de último recurso, como uma necessidade imperiosa à qual é forçoso submeter-se, e não como um centro de abrigo, proteção e aconchego onde é possível sentir-se bem. [...] (NETTO, 1999). Se outras culturas dizem não ter esse hábito de ir a lugares como cafés para ter um momento social como uma área de lazer a suas moradias é evidentemente por não terem lugares onde é possível ter esse mesmo tipo de vivência, de receber uma pessoa e ter uma boa conversa sentados estando em conforto tendo o prazer de uma xícara de café por algumas horas. Todavia mesmo tendo esse espaço confortável para receber pessoas, a impressão de ter uma moradia que transmite a sensação de prisão ou jaula é constatada (NETTO, 1999).

Existe um meio de superar essa sensação? Na antiguidade temos alguns exemplos como a casa egípcia, a pompeiana, e a renascentista que tinham uma interessante organização; diferente dos edifícios de apartamentos hoje em dia que criam um forte contraste entre área aberta e fechada, elas tinham a característica de ter um espaço construído que envolvia o não construído, assim tirando essa sensação de prisão. Na imagem I temos uma representação de uma típica casa romana antiga na qual é possível notar que os ambientes enumerados como 4 e 6 são áreas abertas e as demais numerações são áreas fechadas, assim é possível entender o conceito de empregados por ele de construído envolvendo e se fundindo ao não construído; seguindo uma organização muito parecida eram as casas egípcias e pompeianas (NETTO, 1999).

Imagem I: Organização da casa romana antiga.



Disponível em:

<<http://www.legendsandchronicles.com/ancient-civilizations/ancient-rome/ancient-roman-houses/ancient-roman-houses-3/>> Acessada: 01/09/2016.

A organização de espaços envolvendo construído e o não construído muda drasticamente através dos momentos históricos. É observável que na Grécia antiga e em sociedades egípcias arcaicas, o lugar do povo ser reunir ou a noção de espaço coletivo, era do lado externo. Já na Roma antiga esse encontro muda e acontece em locais construídos, as Basílicas eram edificações com intuito de ser local para reuniões, conversas, discussões, lá todos se encontravam, tempos depois os cristãos oficializaram a pratica de cultos nestes espaços denominados Basílicas e a população continua admitida no espaço construído. Isso também acontece na igreja românica, gótica e na renascença ágoras gregas (NETTO, 1999).

2.2 - O MOVIMENTO MODERNISTA

Harrison (1999) diz que no período do início do século XX a Europa era berço dos movimentos culturais, escolas e estilos que influenciavam e ditavam a arte, design, arquitetura, literatura e tudo que engloba essa vertente intelectual e artística. Massud (2006) relata que a Europa estava tomada por uma sede de desenvolvimento e querendo tornar-se a melhor em todos os aspectos, rumar um futuro brilhante e promissor. Tomados por esse sentimento os pensadores e artistas da época foram movidos pela ideia de que tudo que eles produziram até então deveria ser deixado de lado para dar início a uma nova era, assim surgiu o modernismo ou movimento modernista.

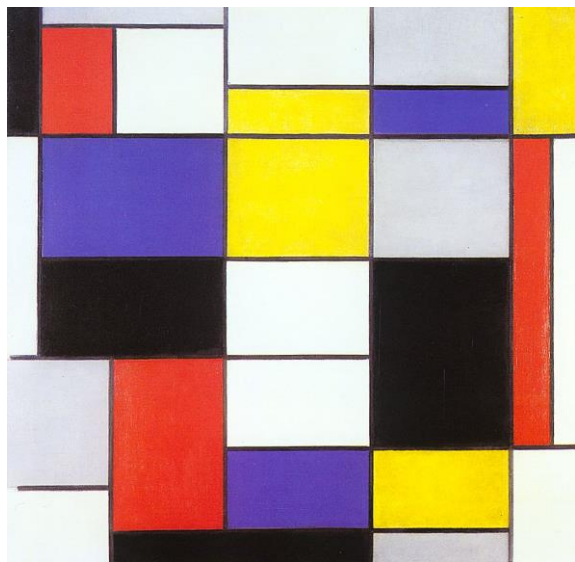
Harrison (1999) constatou que o mundo passava por um desenvolvimento rápido nunca antes presenciado, os meios de comunicação começavam a interligar tudo simultaneamente, as indústrias surgiam cada vez mais rápido e criando coisas novas a todo instante, a utilização do petróleo para desenvolver produtos e mover fabricas e automóveis. Massud (2006) complementa dizendo que toda a forma de organização e pensamento estava tornando-se mais sistemática e racional. Essa racionalização e reestruturação aconteceu na literatura e nas artes, tornando os escritos mais fáceis de ler e objetivos e as obras de artes mais geométricas e com outra organização

Benevolo (2001) nos mostra as vertentes principais que compõem a evolução nas quais se deriva a arquitetura moderna são basicamente três, a união destas vertentes é que elas terminam no que é chamado de movimento moderno na arquitetura. O resultado desta união foi uma arquitetura completamente nova voltada as novas necessidades da sociedade num parâmetro mundial e que foi empregada na maior parte do século XX. A primeira vertente está relacionada com a ideologia arquitetônica modernista atrelada ao projeto de modernidade vivencial, estilo de vida e ao movimento iluminista, isto vai em foco no da arquitetura realizada com auxílio da nova tecnologia provinda da revolução industrial juntamente com as inúmeras ideologias urbanísticas e sociais formuladas por teóricos socialistas utópicos e os seguidores da ideia de cidades-jardins. Dada esta análise fica evidente que as questões estéticas ficam em segundo plano, o modernismo é completamente ligado com um movimento social do que com uma causa de apelo puramente estético. [...] O tipo destes jardins no ar parece-me a fórmula moderna e prática de usufruirmos do ar e estar ao alcance imediato do centro da vida. [...] (LE CORBUSIER. 2004. p. 105).

A outra vertente é relacionada com as inúmeras mudanças do século XIX em relacionadas a uma determinação fixa da teorização das artes e sua função de atuação no contexto social, esta análise dá ênfase aos movimentos Arts & Crafts e à Art Nouveau em um contexto generalizado. Isso demonstra que foram vistas ideias artísticas que mesmo remetidas a conceitos de outras épocas ainda tentava construir uma nova teoria explorando novos meios e tendências para estética nessa nova época (BENEVOLO, 2001).

Por fim a última vertente é tida como o pilar do movimento modernista, a arquitetura entra em cena e através de sua teórica revela que os estilos anteriores foram apenas uma consequência deste novo jeito de pensar e projetar. Ela se inicia nas décadas de 10 e 20 com suas grandes mudanças estéticas idealizadas pelas vanguardas artísticas, dando ênfase ao Cubismo, Abstracionismo e Construtivismo Russo influenciados pelas teorias lançadas pela Bauhaus, De Stijl (Imagem II) e Vanguarda Russa (BENEVOLO, 2001). Um exemplo desta influencia artística na arquitetura foi a Residência Rietveld Schröder figura III.

Imagem II: Obra de arte estilo De Stijl, Composition A.



Obra de Piet Mondrian, 1923. Composition A. - Fonte: <www.Piet-Mondrian.org>

Disponível em: <[http:// www.piet-mondrian.org /composition-a-1923.jsp](http://www.piet-mondrian.org/composition-a-1923.jsp)> Acessado em: 30/08/2016.

Imagem III: Residência Rietveld Schröder inspirada no estilo De Stijl.



Residência Rietveld Schröder - Utrecht, Holanda. 1925. - Fonte: Wikimedia Commons. –

Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/Category: Rietveld_Schr%C3%B6der _House#/media/File:Casa_Rietveld_Schr%C3%B6der_01.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Rietveld_Schr%C3%B6der_House#/media/File:Casa_Rietveld_Schr%C3%B6der_01.jpg)> Acessado em: 30/08/2016.

[...] Ela caracterizava-se, aos olhos do leigo, pelo aspecto industrial e ausência de ornamentação. É nessa uniformidade que se esconde, com efeito, a sua grande força e beleza: casa de moradia, palácios. Fábricas apesar das diferenças e particularidades de cada um, têm entre si certo ar de parentesco, de família, que – conquanto possa aborrecer aquele gosto (quase mania) de variedade a que nos acostumou o ecletismo diletante do século passado – é um sintoma inequívoco de vitalidade e vigo, a maior prova de já estarmos mais diante de experiências caprichosas e inconscientes como aquelas que precederam, porém de um todo orgânico, subordinado a uma disciplina, um ritmo diante de um verdadeiro estilo enfim, no melhor sentido da palavra. [...] (COSTA, 1995).

Segundo Niemeyer (2002) os arquitetos Modernistas buscavam o racionalismo e funcionalismo em seus projetos, sendo que as obras deste estilo apresentavam como características comuns formas geométricas bem definidas, sem ornamentos; separação entre estrutura e vedação; uso de pilotis a fim de liberar o espaço sob o edifício; planos de vidro contínuos nas fachadas, janelas em fita ao invés de janelas tradicionais; integração da arquitetura com o entorno pelo

paisagismo e com as outras artes plásticas através do emprego de painéis de azulejo decorados, murais e esculturas.

2.3 - GREGORI WARCHAVCHIK E SUA INTRODUÇÃO DO MODERNISMO NO BRASIL

Gregori Warchavchik foi um arquiteto de origem russo-brasileira, nascido em 1896 na cidade de Odessa, na qual era localizada na Rússia, mas hoje pertence a Ucrânia, tem seu legado ao ser considerado o primeiro arquiteto modernista da América Latina. Concluiu seu curso superior pela Universidade de Odessa em 1918 e obteve o grau de Arquiteto no Instituto Superior de Belas Artes de Roma, trabalhou dois anos na Itália ao lado do renomado arquiteto Marcello Piacentini, com quem realizou diversas obras no país. Em 1923 Warchavchik veio ao Brasil trabalhar e dois anos depois em 1925 publicou o primeiro artigo da arquitetura modernista no país (HERMANNY FILHO, 2011).

[...] Para que a nossa arquitetura tenha seu cunho original, como o têm as nossas máquinas, o arquiteto moderno deve não somente deixar de copiar os velhos estilos, como também deixar de pensar no estilo (WARCHAVCHIK, 1925).

No ano de 1927 construiu seu projeto residencial na Rua Santa Cruz, Vila Mariana em São Paulo, foi muito comentada por ser a primeira casa modernista do Brasil e da América Latina e assim lança a tendência desse estilo arquitetônico no país. Posteriormente escreveu diversos manifestos um pouco polêmicos para a época, defendendo o modernismo e fazendo uma crítica ao estilo arquitetônico empregado até então e impulsionando essa ruptura de estilos. Nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna Warchavchik atuou como representante da América Latina por indicação de Le Corbusier e recebeu convite de Lúcio Costa para ser docente na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1931. Na imagem IV podemos observar Lloyd Wright, Gregori Warchavchik e Lúcio Costa que mantinham uma amizade e discutiam sobre o modernismo em um cenário mundial (HERMANNY FILHO, 2011). Gregori Warchavchik, deixou uma obra de importância única para a arquitetura moderna brasileira, a casa da Rua Santa Cruz, cuja importância foi imediatamente reconhecida e gerando intensos debates entre os que, profissionais e intelectuais, se preocupavam, naquela época como hoje também, com a incorporação da modernidade (Claro, 2008).

Imagem IV: Lloyd Wright, Gregori Warchavchik e Lúcio Costa.



Frank Lloyd Wright, Gregori Warchavchik e Lúcio Costa na Casa Nordchild, Rua Toneleros, RJ, 1931.

Fonte: Lúcio Costa, Registro de uma Vivência, Empresa das Artes, 1995.

[...] O arquiteto moderno deve amar sua época, com todas as suas grandes manifestações do espírito humano, como a arte do pintor moderno ou poeta moderno deve conhecer a vida de todas as camadas da sociedade. [...] fazendo refletir em suas obras as ideias do nosso tempo, a nossa lógica, o arquiteto moderno saberá comunicar à arquitetura um cunho original, cunho nosso, o qual será talvez tão diferente do clássico como este o é do gótico. Abaixo as decorações absurdas e viva a construção lógica, eis a divisa que deve ser adotada pelo arquiteto moderno (WARCHAVCHIK, 1925). No decorrer da década de 30 o arquiteto associou-se à Lucio Costa e realizaram diversos projetos como alguns conjuntos habitacionais no Rio de Janeiro. Warchavchik deixou uma gama de obras importantes no Brasil que servem como referência para o estudo da arquitetura modernista no país, seu trabalho era admirado e tinha o respeito de arquitetos renomados como Le Corbusier e Frank Lloyd Wright. Seu falecimento foi o ano de 1972 em São Paulo (HERMANNY FILHO, 2011).

2.4 HISTÓRIA DA PRIMEIRA CASA MODERNISTA

A primeira casa modernista no Brasil ou mais conhecida como a casa modernista da Rua Santa Cruz, tem como autoria o renomado arquiteto de origem russa Gregori Warchavchik, a obra foi projetada em 1927 e finalmente construída em 1928, localizada na cidade de São Paulo, ela leva o legado de ser a primeira obra arquitetônica do movimento modernista feita no Brasil e assim é chamada (Museu da Cidade, 2014). Segundo Fracalossi (2013) a Casa da Rua Santa Cruz surgiu quebrando com o estilo "Neocolonial", que era considerado a arquitetura autêntica do Brasil. As elites intelectuais passaram a ver o modernismo como uma nova forma de se construir no século XX.

Imagem V: Fachada Casa Rua Santa Cruz



Via: Blog Holodeck. - Disponível em: <<http://noholodeck.blogspot.com.br/2011/09/gregori-warchavchik-primeira-casa.html>>. Acessado em: 30/082016.

Segundo Hermann Filho (2011) a casa da rua Santa Cruz foi um projeto com intuito de ser a residência do arquiteto, logo após seu casamento com Mina Klabin, a obra rendeu um impacto forte na sociedade e nos círculos intelectuais, artigos foram publicados em jornais de vários aspectos políticos, sendo contrários ou favoráveis à nova proposta estética arquitetônica. De acordo com dados do Museu da Cidade (2014) a obra era esprovida de qualquer tipo de ornamentações e formada basicamente por volumes geométricos, prismáticos brancos, a obra foi muito impactante nesse período e para o arquiteto conseguir a aprovação da prefeitura para construí-la, foi

apresentado um projeto diferente do executado, tendo a casa uma fachada repleta de ornamentos, mas ao decorrer da obra alegou falta de recursos para completa-la, assim deixando sua fachada livre como o estilo modernista propõe. Lira (2011) relata que a obra foi Construída com alvenaria de tijolos, piso de tijolos sobre vigas de madeira e platibanda escondendo a cobertura em telhas de barro, para Bruand, a casa traía os cinco pontos da arquitetura de Le Corbusier, por isso não era verdadeiramente moderna. Fracalossi (2013) evidencia que além da obra, é de suma importância dar atenção ao paisagismo que compõe o entrono da casa, projetado por Mina Klabin que foi a precursora do uso de espécies tropicais como é possível observar na imagem VI:

Imagem VI: Casa da Rua Santa Cruz.



Via: José Tavares, publicado em 2007. - Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregoriwarchavchik/5627b5e3e58ecee6f0000266-classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregoriwarchavchik-foto>> Acessada: 30/08/2016.

De acordo com Fracalossi (2013) no período em que ocorreu a segunda guerra mundial, o jardim da residência passou por uma reforma feita por Mina Klabin, ela plantou uma sequência de eucaliptos formando um bosque na parte da frente do terreno divisa com a rua afim de garantir maior segurança da família em relação a guerra e visando resguardar contato direto de visão da casa com o hospital nipo-brasileiro que estava em fase de obras em frente casa. Na mesma época a garagem também foi reformada dando mais espaço para dar suporte a uma oficina de gasogênio

(combustível substituto da gasolina durante a guerra). Com informações do Museu da Cidade (2014) no decorrer do tempo algumas pequenas modificações foram feitas de acordo com os anseios da família, todavia em um aspecto total a obra continuou com as mesmas características até a atualidade. Eles residiram na casa até proximidades dos anos 70, foi quando tomam a decisão de vender a edificação.

Em 1984, o Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) tomba o conjunto, através da Resolução SC 29/84; seguido pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), processo 1121-T-84; e, posteriormente, pelo COMPRESP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo), Resolução 05/91. (Museu da Cidade, 2014).

Imagem VII: Casa nos dias atuais.



Via: Pedro Kok. Sem data de publicação. - Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik/5627b5e3e58ecee6f0000266-classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik-foto>>. Acessada: 30/08/2016.

Hoje, a casa modernista da Rua Santa Cruz é aberta à visitação pública. A casa é tida pelos críticos de arquitetura como a primeira construção brasileira a empregar um conjunto formal moderno e passou a ser valorizada como marco estético de nossa modernização (CLARO, 2008).

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica da teoria da arquitetura relacionada ao espaço construído e não construído assim reunindo sua essência e também acerca do movimento modernista que foi muito importante para arquitetura mundial e tem relação direta com o estudo de caso que é a primeira casa modernista no Brasil. Para este estudo é inter-relacionada várias bibliografias como (NETO, 1999), (ZEVI, 1996), um manifesto de Warchavchik (1925), e história da casa para então ser feita uma análise do construído e não construído na obra.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES – CASA DA RUA SANTA CRUZ

No primeiro momento é evidente a relação de espaço construído “a casa” como abrigo e o não construído é o espaço externo com paisagismo tropical agradável que proporciona a família um local de lazer e apto a receber convidados. Posteriormente tem-se um contexto histórico forte que mudou as necessidades da família e então a parte externa da casa onde antes era um belo jardim tropical com função social de lazer e receber amigos passou a ser um bosque com árvores altas e teve a função de barreira de proteção assim fundindo-se a casa e tornando-se construído, tendo função semelhante a um abrigo e até mais importante do que a própria casa, pois ele garantia a existência da edificação. A casa não só mais atendia as necessidades básicas de abrigo, já que o jardim assumiu essa função, a casa se modificava para atender necessidades como estocar combustível e dar mais espaço a família que agora não saia mais tanto para passeios.

Por fim a noção de espaço construído voltou a ser exclusivamente da casa, porém não como inicialmente, a casa agora é um museu e recebe pessoas para visita-la como lazer, então não é um abrigo a pessoas, é um espaço de abrigo a história. O jardim ou bosque transformado em parque não tem a função de proteção ou abrigo, ele apenas é um espaço não construído de lazer onde as pessoas se encontram e aproveitam a natureza tendo contato com a importante história local. A Imagem da entrada do Parque Modernista pode ser observada na imagem VIII.

Imagem VIII: Entrada do Parque Modernista onde a Casa está locada.



Via: Fabio Cintra. - Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik/5627b595e58ece127a00024f-classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik-foto>>

Acessado: 02/09/2016.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução apresentou-se o assunto modernismo no Brasil tendo como tema a influência de Gregori Warchavchik com seu primeiro projeto desse estilo no país assim sendo a primeira casa modernista ou casa da rua Santa Cruz. A hipótese inicial da pesquisa foi constatar a importância da primeira obra modernista para que o estilo fosse adotado posteriormente em outras obras assim como é até nos dias de hoje. Justificou-se a mesma nos aspectos históricos a quais são um marco para o estilo arquitetônico que se tornou a marca do país e é lembrado internacionalmente por suas obras.

No decorrer da análise foi evidente a grande mudança no sentido de espaço construído e não construído e como ele pode ser versátil e se adequar as necessidades de quem habita o local ou passa por um contexto histórico como este. Muitas outras obras passam por estas mudanças de função, mas é uma característica intrigante e rara na humanidade quando o paisagismo passa a assumir a função de abrigo, tanto que foi só por um período e hoje ele assume a função original de espaço não construído e laser.

REFERÊNCIAS

ArchDaily Brasil – Clássicos da Arquitetura: Casa Modernista da Rua Santa Cruz / Gregori Warchavchik. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik>> Acessado em: 30/08/2016.

ArchDaily Brasil – Gregori Warchavchik. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/office/gregori-warchavchik>> Acessado em: 30/08/2016.

BENEVOLO, Leonardo. História da arquitetura moderna. São Paulo: Editora Perspectiva. - 2001.

CLARO, Mauro – Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/09.025/1775>> Publicado em: 09/11/2008. Acessado em: 17/11/2016.

COSTA, Lucio. Registro de uma vivência - 1995.

FERREIRA, Carlos. Arquitetura do Século 20 e Outros Escritos. Editora: Cosacnaify. - 2006.

FRACALOSSI, Igor. Clássicos da Arquitetura: Casa Modernista da Rua Itápolis / Gregori Warchavchik. Portal Vitruvius. Publicado em 11 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-163168/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-itapolis-slash-gregori-warchavchik>> Acesso em: 17 de novembro de 2016.

HARRISON, Charles. Modernismo – 1999.

HERMANNY FILHO, Alberto. - Blog Holodeck - Postado: 08/09/2011. Disponível em: <<http://noholodeck.blogspot.com.br/2011/09/gregori-warchavchik-primeira-casa.html>> . Acessado em: 02/09/2016.

LE CORBUSIER. Preciso: sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo - 2004.

LIRA, José. - Warchavchik: fraturas da vanguarda - (2011).

MASSAUD, Moisés. - Modernismo. – 2006.

Museu da Cidade – São Paulo. Disponível em:

<<http://www.museudacidade.sp.gov.br/casamodernista.php>> Acessado em: 17/08/2016.

NETTO, J. Teixeira Coelho. – A Construção do Sentido na Arquitetura. Editora Perspectiva - 1979.

PEDROSA, Mario. Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília. São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates - 1981.

WARCHAVCHIK, Gregori – Manifesto Acerca da Arquitetura Moderna - 1925.